

Modinha: um estudo etimológico sobre o termo

Modinha: a etymology study about the term

José Fernando Saroba Monteiro

*Doutorando em História pela Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro
jfmonteiro2@hotmail.com*

Resumo: Procuramos aqui descrever a etimologia do termo modinha, que designa um gênero que está nas raízes da música popular tanto do Brasil quanto de Portugal. Surgida da moda portuguesa, que migrou dos meios rurais para os grandes centros urbanos e colônias do Império Português, entre os séculos XVII e XVIII, a modinha tem suas origens etimológicas em períodos ainda mais antigos, remontando a presença romana na Península Ibérica, onde através da sobrevivência de vocábulos da língua latina, se originou a palavra “moda”, ganhando depois seu diminutivo e o indicativo de sua presença e permanência na América portuguesa, passando a ser chamada de “modinha brasileira”.

Palavras-chave: Modinha, música popular, etimologia.

Abstract: We try here to describe the etymology of the term modinha, genre that is at the roots of popular music both Brazil and Portugal. Arising from the Portuguese moda which migrated from rural areas to large urban centers and settlements of the Portuguese Empire, between the seventeenth and eighteenth centuries, the modinha has its etymological origins in even older periods, dating back to the Roman presence in the Iberian Peninsula, where through the survival of Latin words, originated the word “moda” after winning his diminutive and the indication of their presence and permanence in Portuguese America, changing its named to “Brazilian modinha”.

Keywords: Modinha, popular music, etymology.

Introdução¹

Modinha é um gênero musical que está nas raízes da musicalidade do Brasil e de Portugal. Esse gênero é proveniente das populações rurais portuguesas que migraram tanto para os grandes centros urbanos de Portugal quanto para as diversas colônias do Império Português, levando suas tradicionais canções, a que chamaram “modas”. A moda portuguesa encontra na colônia da América um lugar propício para se desenvolver e aos poucos se hibridiza com o lundu, música praticada pelos negros da colônia, originando a partir daí a “modinha brasileira”, caracterizando um gênero próprio, que quando levado a Portugal, encantou a corte e a sociedade portuguesa setecentista.

Entre os possíveis meios pelos quais a modinha brasileira chegou a Portugal, podemos acreditar que foi através daqueles que vieram para a colônia da América, por volta de finais do século XVII e inícios do XVIII, em busca do ouro recém descoberto na região mineradora e que depois retornaram para a metrópole. Outra hipótese é a de que o introdutor do gênero na metrópole tenha sido o brasileiro Antônio José da Silva, o Judeu, que utilizava modinhas em suas óperas, mas essa versão é contestada por Mozart de Araújo (1964). Um consenso entre a maioria dos historiadores e estudiosos é a ideia de que foi o mulato brasileiro Domingos Caldas Barbosa o responsável pela introdução da modinha brasileira em Portugal, pois, após passar sua juventude em contato com modinhas e lundus no Rio de Janeiro, onde exercia seu ofício de improvisador, chega na metrópole (c. 1763), levando também os gêneros praticados na colônia, bem como a moleza e languidez americanas, com as quais encantou a nobreza e sociedade portuguesa. Em sua *Viola de Lereno*, Caldas Barbosa deixa claro que praticava o gênero na metrópole:

Ora a Deos, Senhora Ulina;
Diga-me, como passou;
Conte-me, teve saudades;
Não, não;
Nem de mim mais se lembrou;

¹ O presente artigo reproduz parte da dissertação intitulada *Modinha Brasileira: Trajetória e veleidades (séculos XVIII-XX)*, apresentada como pré-requisito para a obtenção do grau de mestre junto à Universidade Nova de Lisboa. Ver: MONTEIRO, José Fernando S. (2015). *Modinha Brasileira: Trajetória e veleidades (séculos XVIII-XX)*. Dissertação (Mestrado em História do Império Português [e-learning]), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

O amor antigo
Já lhe passou;
E a fé jurada?
Tudo gorou.

Diga, passou bem no campo?
Divertio-se! passeou!
Acaso lhe fiz eu falta?
Não, não,

Era bom o seu Burrinho,
Ou sómente a pé andou?
Lembrou quem lhe dava o braço?
Não, não,

Cantou algumas Modinhas?
E que Modinhas cantou?
Lembrou-lhe alguma das minhas?
Não, não,

Ha de dizer, que eu lembrava,
E que por mim suspirou;
Não ha tal: bem a conheço:
Não, não, (BARBOSA, 1798: 15-13²).

É certo também que Caldas Barbosa entoava suas modinhas sempre acompanhado de sua viola, como evidencia um poema de seu coetâneo, e também algoz, Bocage, no qual descreve as famosas Quartas-Feiras de Lereno, agremiação poética da Nova Arcádia presidida por Caldas Barbosa, cujo epíteto árcade era Lereno Selinuntino:

Preside o neto da rainha Ginga
A corja vil, aduladora, insana;
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos desiguais se esgota a pinga.

² As grafias das citações aqui incluídas serão mantidas no original, ou o mais próximo possível do original

Vem pão, manteiga e chá, tudo à catinga;
Masca farinha a turba americana;
E o orang-utang a corda a banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga.
Um bando de comparsas logo acode
Do fofo Conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode;
Aplaudem de contínuo as frioleiras
Belmiro em Ditirambo, o ex-frade em Ode,
Eis aqui do Lerenó as quartas-feiras (BOCAGE *apud* CASCUDO, 1958:
19).

Observando o verso “E o orangotango a corda a banza abana” e se levarmos em conta que “banza” (ou “mbanza”) era o nome de um instrumento de cordas africano, notamos que Bocage se refere a “abanar”, “balançar”, “tanger” as cordas da viola, da qual fica claro que Caldas Barbosa se acompanhava.

128

De acordo com Teófilo Braga (1901), a modinha teria herdado a forma poética da serranilha, que se conservou nas obras de Sá de Miranda, Gil Vicente e Luís de Camões, e elementos musicais do soláo, canto lírico melancólico, triste e mavioso, de tradição oral, próximo da xácara (de influência arábica). Essas mesmas formas poéticas e musicais transitaram entre os palácios e a lírica popular dos jograis e menestréis, influenciando-se mutuamente. Rodney Gallop já alertava sobre o fato de a poesia lusogalaica se dividir em duas classes: “imitações do provençal, e poemas que foram buscar inspiração às canções bailadas do povo” (GALLOP, 1937: 14).

As modinhas faziam as delícias dos serões das famílias portuguesas setecentistas mais ilustres e também eram o deleite das açafatas do palácio e dos viajantes que por ali passavam, mas também foi praticada por religiosos, populares e até mandriões. Sobre isto, Manuel Morais nos esclarece que: “A prática da modinha, [...] percorre todos os grupos sociais, desde a nobreza, a burguesia e o clero (tanto monástico como secular) chegando o seu uso à criadagem e aos assalariados urbanos. [...] Ela foi usada, abusada e adulterada, por todas as classes sociais portuguesas, descendo até às mais baixas por mimetismo” (BARBOSA & MORAIS, 2009: 82-84).

Após ter grande sucesso na corte e sociedade portuguesa na segunda metade do século XVIII, a modinha, agora europeia e influenciada pela ópera italiana (contrastando com a remanescente da colônia), acompanha a família real que migrara para o Brasil com

seu séquito em virtude das invasões francesas. A modinha começa a ser repatriada pelas elites, mas logo todos tomam gosto pela prática do gênero e a modinha vai aos poucos deixando os candelabros dos salões para ser entoada pelos seresteiros e boêmios nas noites enluaradas, sem deixar de ser praticada nos pianos das moças das famílias mais abastadas, que viam nas “doce e suaves modinhas”, como as descreveu Cernicchiaro (1926), seus ideais de romantismo e perfeição feminina.

Ferdinand Denis, em seu *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, chega a contrastar a modinha, notadamente popular, com a obra de Rossini:

A música [no Brasil] é cultivada por todos os estratos, ou melhor, ela faz parte da existência do povo, que dá encanto aos seus tempos livres cantando e que se esquece mesmo dos cuidados de um trabalho penoso todas às vezes que ouve os simples acordes de uma viola ou de um bandolim. Enquanto a música de Rossini é admirada nos salões, porque é cantada com uma expressão que nem sempre se encontra na Europa, os simples artesãos percorrem as ruas até a noite repetindo estas encantadoras *modinhas*, que é impossível de ouvir sem ser vivamente comovido; quase sempre servem para pintar os devaneios do amor, as suas penas ou a sua esperança; as palavras são simples, os acordes repetitivos de uma maneira bastante monótona; mas há, por vezes, um encanto em sua melodia, e por vezes uma tamanha originalidade, que o europeu recém chegado não pode cansar-se de as ouvir, e compreende a indolência melancólica desses bons cidadãos que ouvem durante horas seguidas as mesmas canções (DENIS, 1826: 581-582, tradução nossa, grifo do autor).

Todavia, se a modinha, recém-chegada da Europa, encontra reduto, inicialmente, junto a família real no Rio de Janeiro, nova capital do Império, logo vai se espalhar por várias outras regiões sendo praticada desde o Sul, Santa Catarina, até o Norte, Rio Grande do Norte, passando por Goiás, Minas Gerais, São Paulo, entre outros.

Em referência às suas características, a modinha é geralmente monótona, plangente, melancólica e até funesta. Um grande exemplo de sua melancolia é a poesia da modinha *Desde o dia em que eu nasci*, de Joaquim Manoel da Câmara:

Desde o dia em que eu nasci
Naquele funesto dia

Veio bafejar-me o berço
A cruel melancolia.
Fui crescendo e nunca pude
Ver a face de alegria
Foi sempre a minha herança
A cruel melancolia.
Protestou seguir meus passos
Té levar-me à campa fria
Macerou minha existência
A cruel melancolia. (CÂMARA, [c.1817-1819] 2017: 01-02).

A modinha ainda resiste na poética e musicalidade luso americana, devido ao romantismo, lirismo, melancolia, etc., que ainda hoje são incluídos nas canções, mas sem dúvidas, não existe mais enquanto gênero, propriamente dito, ou de forma rarefeita, ou ao menos não o mesmo que existiu entre os séculos XVIII e XX, ou seja, aquele que, ainda que com grandes variações, permaneceu durante cerca de dois séculos.

130

Etimologia

Apesar de nos centrarmos nos séculos XVIII, XIX e XX para estudar a modinha, acreditamos que suas origens etimológicas estão ainda mais distantes, derivando do vocábulo latino “modus”, remontando a presença romana na Península Ibérica.

Os romanos chegaram à península ainda no século III a. C. e lá se mantiveram até o século V d.C., quando padeceram com as invasões bárbaras. Durante a dominação romana, a península vem a sofrer uma grande influência da cultura e dos costumes romanos (“romanização”) onde a língua latina (clássica e vulgar) vai ter papel decisivo, facilitando a comunicação entre os diferentes povos que habitavam a região e tornando-se a língua utilizada nos documentos oficiais.

Segue-se ao período romano a dominação visigótica, que dura até o século VIII quando os árabes chegam pelo estreito de Gibraltar e invadem a Península Ibérica, onde deixariam marcas permanentes de sua cultura, incluindo o idioma.

Essas influências, e mais aquelas da cultura céltica e lusitânica, junto a uma protolíngua, o galaico-português, originam a língua portuguesa, que se expande da região da Galícia em direção ao Sul da península, vindo depois a se tornar língua oficial no reino

português, por decisão de D. Dinis, logo após o fim das Guerras de Reconquista, e contra Leão e Castela. A língua portuguesa, a partir daí, ganhava enorme impulso.

É justamente durante a expansão ocasionada pela Reconquista, que a língua vulgar galaico-portuguesa se acultura com as línguas românicas (românço), remanescentes na região Sul de Portugal, região onde, certamente, o vocábulo latino “modus” ganha a forma aportuguesada “moda”, designando “música, canção, cantiga”.

Modus, Moda, Modinha

O vocábulo latino “modus” tem designações variadas, podendo corresponder a “métrica”, “medida”, “música”, “canto”, “dança”, etc.. Segundo o *Glossarium manuale ad scriptores mediae et infimae Latinitatis*, de Charles Du Cange, com primeira edição de 1678, “MODVS” equivale a “Cantus rythmicus”, correspondendo também a “MODVLVS” que o autor aponta como também significando “Cantus”. Du Cange ainda nos demonstra que o vocábulo “MODILIA” equivale a “melodia, modulatio”.

Já o *Dictionnaire Illustré Latin Français*, de Felix Gaffiot, publicado em 1934, apresenta a seguinte designação para o vocábulo “modus”:

131

modus, i, m., 1 mesure [avec quoi on mesure qqch]: VARR. R. 1, 10, 1; 2 2 mesure, étendue, quantité: agri CIC, Att. 13, 33, 2, mesure d'un champ 3 [musique] mesure: percussio-num modi CIC. Or. 198, mesures battues à intervalles réguliers; extra modum CIC. Or. 198, en dehors de la mesure; ad tibicinis - modus saltare LIV. 7, 2, 4, danser à la cadence de la flute | melodie, mode; flebilibus modis aliquid concinere CIC. Tusc. 1, 106, débiter qqch avec accompagnement d'une melodie lugubre, cf. CIC. Leg. 2, 39 [...]” [modus, i, m., 1 medida [com a qual se mede alguma coisa]: VARR. R. 1, 10, 1; 2 2 medida, extensão, quantidade: agri CIC, Att. 13, 33, 2, medida de um campo 3 [música] medida: percussio-num modi CIC. Or. 198, medidas batidas em intervalos regulares; extra modum CIC. Or. 198, fora de medida; ad tibicinis - modus saltare LIV. 7, 2, 4, dançar na cadência da flauta | melodia, modo; flebilibus modis aliquid concinere CIC. Tusc. 1, 106, começar alguma coisa com acompanhamento de uma melodia lugubre cf. CIC. Leg. 2, 39 [...]]. (GAFFIOT, 1934: 987, tradução nossa, grifos do autor).

Gaffiot também aponta o vocábulo “*modulus*” como sendo diminutivo de “*modus*”, correspondendo à “medida”, “métrica”, “modo” e “melodia”. Ainda em Gaffiot o vocábulo “*modulamen*” corresponde a “cadência, harmonia”, o termo “*modulamentum*” também equivale a “harmonia”, já “*modulatio*” corresponde a “medida rítmica, modulação, cadência, melodia”, “*modulator*” designa tanto “aquele que mede, que rege” quanto “músico”, “*modulatus*” equivale a “cadenciado, modulado, melodioso” e, o que nos chama mais a atenção”, “*modulus*” significa “submeter-se às leis musicais, a um ritmo, uma cadência” ou ainda “submeter-se ao discurso das leis musicais, marcar o ritmo”, “modular, cantar (com acompanhamento de uma lira)”, “dar uma melodia às notas musicais”, “tirar uma melodia de um instrumento” e/ou “fazer vibrar a lira de acordo com o canto”.

No primeiro dicionário da língua portuguesa, *Dictionarium latino lusitanicum*, de Jerónimo Cardoso, com primeira edição de 1552, mas que aqui reproduzimos a edição de 1630, o vocábulo “*Modulus, aris, atus*” corresponde a “Cantar suavemente”, o termo “*Modulator, oris*” significa “O que canta suavemente”, “*Modulatorius, a, um*” equivale a “Coisa de música”, enquanto “*Modus*” tem a acepção de “A maneira, ou fim, ou medida”³.

É somente no *Dictionarium Lusitanico Latinum*, de Agostinho Barbosa, de 1611, que “*Modus*” aparece correspondendo a “compasso na música”, “jeito, modo ou feição”, “maneira, modo” e “modo”, enquanto os termos “canto, ou cantiga” aparecem com a definição de “Cantus, us. Cantio, onis. Musa, x. Modus, modi. Cantilena”. (BARBOSA, 1611: 190).

Ainda temos o *Vocabulario Portuguez & Latino* de Rafael Bluteau (1716), onde encontramos “MODULAÇÃO” equivalendo a “ação de cantar em harmonia”, “MODULADO” correspondendo a “harmonioso, voz modulada, lançada com harmonia”, “MODULADÔR” significando “músico, o que canta com harmonia” e “MODULAR” designando “cantar com harmonia, cantar por solfa”.

E temos também o *Dicionário Latim-Português* da Porto Editora, onde são descritas acepções semelhantes para os vocábulos mencionados e a seguinte significação para “*modus*”:

³ Ver: CARDOSO, J., *Dictionarium latino lusitanicum, et vice versa lusitanico latinum: cum adagiorum feré omnium iuxta seriem alphabeticam peritili expositione: & Ecclesiasticarum vocabulorum interpretatione: item de monetis, ponderibus, & mensuris, ad praesentem usum accomodatis*, Ulyssipone: ex officina Petri Craesbeck, 1630: 125.

modus, Ī (medeor) *m.* I. medida (com que se mede alguma coisa); 2. medida, extensão, quantidade, dimensão; **agri modus** *Cic.* a dimensão dum campo; **hastae modus** *C. Nep.* o comprimento duma espada; 3. medida rítmica, ritmo, medida musical, cadência, som, música; **ad tibicinis modus saltare** *Liv.* Dançar ao som da flauta; **modus facere** *Cic.* executar música de acompanhamento; [...] (*DICIONÁRIO LATIM-PORTUGUÊS*, 2001: 429, grifos do autor).

Vários outros dicionários atribuem significados parecidos para os termos acima e para outros semelhantes⁴. Mas, em resumo, “*modus*” vai, portanto, designar “maneira, regra, medida, ritmo, melodia, música, canto” e a partir deste vocábulo latino vão se originar tanto o termo francês “*mode*”, correspondendo a “efemérides”, a “brevidade” e em geral associado ao “vestuário” (“à maneira de se vestir”) e a “aparência”, quanto o termo português “moda” designando “cantiga”, “canção”, “melodia”, etc., especialmente associado a tradição rural.

Certamente esse aporuguesamento do vocábulo “*modus*” ocorre na região Sul de Portugal, sobretudo nas regiões de Extremadura, Alentejo e Algarve, como nos informa José Leite de Vasconcelos:

Após as conquistas de D. Affonso Henriques (dos meados do sec. XII em diante), o português do Norte, ou português arcaico, propagou-se no Sul, e absorveu o romance ali falado, ou identificou-se com ele; exceptua-se, já se vê, o que de tal romance possa estar hoje representado no onomástico da Extremadura, Alentejo e Algarve, e na linguagem corrente dos povos das mesmas províncias (VASCONCELOS, 1911: 17).

Nessa região, como já mencionamos, sobreviveram traços das línguas românicas, especialmente do latim vulgar, falado pelos camponeses. O termo “*modus*” teria sido assimilado pelo português arcaico, o galaico-português, e assumido a forma “moda”, chegando à língua portuguesa atual.

Podemos apontar ainda o Baixo Alentejo como possivelmente o lugar onde essa transposição tenha ocorrido e onde o termo “moda” ainda serve para nomear as canções

⁴ Ver: *Dictionnaire Latin*, In: *Lexicologos: Mots e merveilles d'ici et d'ailleurs*. Disponível em: <http://www.lexilogos.com/latin_dictionnaire.htm> Acesso em: 10 out. 2014.

do cante alentejano. Nesse sentido, Manuel Joaquim Delgado (1955), que dedica seus estudos a região do Alentejo, acredita que:

A razão dessa denominação [moda] baseia-se no facto de passar a ser cantado por toda a gente, como coisa nova, isto é, como moda, qualquer cantar que aparece no folclore da região. É, portanto, a esse novo cantar que, andando tanto em voga, e passando a ser moda, chamamos ‘moda’. Ràpidamente [*sic*] o povo dele se apropria (e tanto mais quando lhe agrada), espalhando-o e divulgando-o de boca em boca numa área de cada vez mais vasta (DELGADO, 1955: 07).

Entretanto, não podemos esquecer que o vocábulo “*modus*” possuía uma acepção equivalente a “canto, cantiga” na língua portuguesa já no século XVII, o que torna a derivação para o termo “moda” evidente.

Todavia, a palavra “moda”, equivalendo a “cantiga”, já aparecia em 1789 no *Diccionario da Lingua Portuguesa, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva*, onde vemos: “*Modas, cantigas, que se põe no cravo, viola, &c.*” (SILVA, 1789, p. 88, grafia no original). Pouco mais de um século depois, Ernesto Vieira, em seu *Diccionario musical* (1899), atribuía ao termo “moda”, o significado de “cantiga, ária”.

Mais recentemente, segundo o *Dicionário Aurélio* (2004), o termo “moda” passou a significar: “**moda**. [Do fr. *mode*.] [*sic*] 1. Uso, hábito ou estilo geralmente aceito, variável no tempo, e resultante de determinado gosto, idéia [*sic*], capricho, e das interinfluências do meio: [...]: 6. Mús. Ária, cantiga. [...]: 7. Mús. Canção típica do folclore português” (*NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO 5.0* [eletrônico], 2004, verbete: moda, grifos do autor). Percebemos que o autor atribui a origem da palavra “moda” ao termo francês “*mode*”, se assemelhando neste ponto a acepção de Manuel Joaquim Delgado para as origens do termo “moda”, que, como vimos, acredita que o termo “moda” tenha surgido em referência às canções que estavam em voga, “passando a ser moda”, se espalhando e divulgando de “boca em boca” por áreas cada vez maiores, sendo chamadas então “modas”.

Enquanto canção folclórica portuguesa, temos na *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, organizada por Salwa Castelo-Branco, uma excelente descrição do termo “moda”:

MODA. Designação genérica que se refere a uma canção, ou uma canção dançada executada com ou sem acompanhamento instrumental. O termo ‘moda’ é utilizado em todo o território nacional, sobretudo em zonas rurais, para designar composições musicais e coreográficas que se caracterizam por formas, estilos e funções diversas, pertencendo em alguns casos a géneros musicais e coreográficos distintos. Ao termo ‘moda’ é muitas vezes acrescentado um qualificativo assinalando uma função, uma configuração coreográfica, um evento em que a moda é desempenhada ou o tipo de agrupamento que a executa (‘moda de baile’, ‘moda de roda’, ‘moda a dois passos’, ‘moda de romaria’, ‘moda de terno’, etc.). Em muitos ranchos folclóricos a ‘moda de baile’ adquire o nome genérico ‘modinha’. No Alentejo, designa-se por ‘moda’ o género vocal polifónico que enforma o canto alentejano (SARDO, 2010: 805, grifo do autor).

É certo, portanto, que o termo “moda”, designando “canto, cantiga, canção, música”, surgido possivelmente no Sul de Portugal, logo se espalhou por todo o território português, e também para as colónias do Império, pois como bem observa Maria Arminda Zaluar Nunes: “Há a necessidade de nunca esquecer que tanto as cantigas como as músicas e as danças não se limitam a determinada região. Embora tenham tido a sua origem em dado local ou aí haja domínio marcante de certas espécies, observa-se larga difusão de terra em terra” (NUNES, 1978: 16).

A viajante irlandesa Maria Rattazzi (sobrinha-neta de Napoleão Bonaparte), mostra, em seu *Portugal de Relance* (1882), que o termo “moda” estava presente no Norte de Portugal, em finais do século XIX, designando os cantos de trabalho dos camponeses do Minho:

Alegram este trabalho guitarras e outros instrumentos campestres, as canções que os homens e mulheres improvisam em quartetos, umas vezes benevolos, outras também satyricos. [...] As cantigas na província do Minho têm um cunho de certa graça, espirito e alegria notaveis. Nas outras provincias repetem-se sempre as mesmas **modas**, ao passo que no Minho, como na Andaluzia, se improvisam segundo as circunstancias e os caracteres dos indivíduos (RATTAZZI, 1882: 187-188, grifo nosso).

Em 1869, nos *Cantos populares do Archipelago açoriano*, Teófilo Braga demonstra que o termo “moda” também era utilizado nas ilhas atlânticas, como vemos no *Romance de Flora*, transcrito por ele:

– Princiemos tocando
A nossa **moda** do mar;
Quem ama sem reflexão
Vem a ter grande pesar!
– Oh coração magoado,
Mais triste que a noute escura;
Melhor fôra que este mar
Fosse minha sepultura! (BRAGA, 1869: 279-280, grifo nosso).

Já nos relatos do *Compendio Narrativo do Peregrino da America*, do padre Nuno Marques Pereira, temos a indicação de que o termo “moda” chegou até a colônia portuguesa da América, já em inícios do século XVIII, onde o jesuíta presenciou músicas profanas que muito o abalroaram, a ponto de dizer:

136

E que vos direy de ouvir musicas profanas? Musicas profanas, e palavras deshonestas, são a mesma cousa; porque o mesmo he cantar, que contar: e a diferença que há de huma cousa a outra, he ser huma harmonicamente dita, e outra proferida praticando. [...] Por isso com muita razão prohibe o Direyto darem-se musicas de noyte pelas ruas das Villas, e Cidades. E por certo; que em nenhuma parte deviaõ ser ellas mais bem evitadas, e castigadas com duplicadas penas, que neste Estado do Brasil; pelo profano das modas, e mal soante dos conceitos. Eu ouvi proferir cantando, o que agora tremo de dizer: porèm, como assenta sobre o proposito do que tratamos, hey de publicallo, para confusaõ dos que usaõ destas musicas.

E foy o caso: que estando eu huma noyte na Cidade da Bahia, ouvi ir cantando pela rua huma voz: e tanto que punha fim à copla, dizia, como por apoio da cantiga: Oh Diabo! E fazendo eu reparo em palavra taõ indecente de se proferir; me disseraõ, que não havia negra, nem mulata, nem mulher dama, que o não cantasse; por ser moda nova, que se usava. Vede, se póde haver mayor atrevimento, e ousadia entre Catholicos Christãos, que cantar semelhantes musicas, tanto em gosto de inimigo infernal; como se chamassem por JESU Christo, que nos remio. Porèm eu me persuado, que a mayor parte

destas modas lhas ensina o Domonio: porque he ele grande Poeta, contrapontista, musico, e tocador de viola, e sabe inventar modas profanas, para as insinar áquelles, que não temem a Deos (PEREIRA, 1731: 227-228, grafia adaptada⁵).

Foi também possivelmente no Brasil que o termo “moda” ganha seu diminutivo “modinha”. De acordo com Mário de Andrade: “A palavra ‘Moda’ pra designar canção vernácula corre desde muito em Portugal. É geito [*sic*] luso-brasileiro acarinhar tudo com diminutivos. A palavra Modinha nasceu assim” (ANDRADE, 1964: 08). Apesar de ter uma origem conturbada, é bem provável que a lexia “modinha” tenha mesmo se originado no Brasil. No capítulo “Homem Cordial” da obra *Raízes do Brasil* (1995), Sérgio Buarque de Holanda demonstra que a terminação “inho” é um reflexo da amorosidade presente no caráter brasileiro. Esses aspectos evidenciam que o acréscimo do sufixo “inha” ao termo “moda”, provavelmente ocorreu no Brasil, como uma espécie de acarinhamento das canções curtas que vieram de Portugal, mas que aqui ganharam características próprias. Isso ocorreu possivelmente na Bahia, como nos sugere Vincenzo Cernicchiaro: “*La ‘Modinha’ fioriva nella classica Bahia, ove, del resto, nacque e crebbe. [A ‘Modinha’ floresceu na clássica Bahia, onde, aliás, nasce e cresce.]*” (CERNICCHIARO, 1926: 55).

Um outro diminutivo para o termo “moda” é “modilho”, ou “modilha”, possivelmente derivado do termo latino “MODILIA” que, como já nos demonstrou Charles Du Cange (1776), corresponde a “melodia, modulatio”. Ernesto Vieira descreve o termo “modilho” como sinônimo de “modinha”: “**Modilho**, s. m. des. Modinha. Pequena Cantiga.” (VIEIRA, 1899: 350, grifos do autor). O termo “modilho”, também foi utilizado por D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão em seu *Diário de Viagem*⁶. A utilização do termo “modilho”, ao invés de “modinha”, por Botelho Mourão, que foi governador de São Paulo, mas que era português, pode também indicar que a lexia “modinha” se originou mesmo no Brasil.

Vieira ainda se refere ao substantivo “modo”. Segundo ele: “**Modo**, s. m. Antigamente chamava se *ayre* ou modo de cantar a qualquer aria, toada ou cantiga para

⁵ Procuramos manter toda a grafia original na citação, menos em relação à letra “s”, que na grafia original se assemelha mais à letra “f”, a qual substituímos para melhorar a compreensão da leitura.

⁶ Ver: MOURÃO, Luís Antônio de Sousa Botelho, DORROTA q fez o Exmo Sr D, Luiz Antonio G. e Capp. Gen. da Cid. de São Paulo, hindo pa á do rio de Jan., en a Náo de Guerra N. Sra da Estrella de q hera Comand. D. Manoel Machado, Irmão do Sr de Entre homem e Cavado.” 1765-1774. Arquivo de Mateus. BN – MSS, 21,4,14-16. Ver também: Diário de viagem de D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão (Livros de), 1765/03/23 – 1768/12/31, Fundação Casa de Mateus, SICM / SSC 06.02 / SUBSI GSP / SSC 01.01 / SR / DIÁRIO DE VIAGEM – Lote 991.02.

uma só voz, e n'isto se distinguia do *tono*, que era para diversas vozes. D'esta denominação: *modo de cantar*, provém os nomes de *modilho*, *modinha* e *moda*, mencionados precedentemente.” (VIERA, 1899: 351, grifos do autor).

Para Teófilo Braga (1901), a “modinha” é “nome tomado do *Mote*, ou *Moda*, dos Mottetistas”. Já Mozart de Araújo aproxima os termos “módulo”, “modo”, “mote”, “modilho”, “motete” e “modinha”, assegurando que: “De mote (dos motetistas), originou-se moda. E de moda, em linha direta, o diminutivo Modinha” (ARAÚJO, 1964: 26). Ainda segundo Araújo:

Autores de nomeada fazem remontar ao século XVI as origens da modinha. Uma certeza, porém, ressalta do emaranhado de contradições que cerca essas origens: é que **cantiga**, **ária**, **romance** e **moda** foram as palavras que, na segunda metade de setecentos, serviram para designar genêricamente [*sic*], em Portugal, os **ayres**, os **tonos**, as **tonadilhas**, as **coplas**, as **seguidilhas**, e muito especialmente as **serranilhas**, os **rimances**, os **soláus**, as **xácaras** e os **modos** – canções que vinham tôdas [*sic*] de épocas anteriores (ARAÚJO, 1964: 27).

138

“Modinha” também se tornou um termo genérico para denominar inúmeros outros gêneros, como romanças, canções, cantigas, árias, toadas, etc., e igualmente estas terminologias também serviram para designar as modinhas. Segundo Manuel Veiga: “A generalidade atribuída a ‘moda’, como termo que incluiria a modinha, entre outras designações, teria se invertido, ora passando esta a incluir a primeira, entre outras” (VEIGA, 1998: 53).

Não obstante, a lexia “modinha”, correspondendo a um gênero musical de grande sucesso na corte e sociedade portuguesa setecentista, já aparece na *Satyra Offerecida ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Dom Matinho de Almeida, no Anno de 1779*, de Nicolau Tolentino de Almeida:

Cantada a vulgar **modinha**,
Que he a dominante agora,
Sahe a Moça da cozinha,
E diante da Senhora
Vem desdobrar a banquinha (ALMEIDA, 1801a: 181, grifo nosso).

Também estão entre os dois volumes da obra de Tolentino mais duas referências ao termo “moda” e mais uma referência a “modinha”, esta última na sátira *A Função*, incluída no segundo volume de suas *Obras Poéticas*, mas desta vez a lexia “modinha” vem junto ao termo que demonstra sua presença na colônia portuguesa da América, a partir de quando passou a ser chamada “modinha brasileira”:

Já d’entre as verdes murteiras,
Em suavíssimos assentos
Com segundas, e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As **Modinhas Brasileiras**: (ALMEIDA, 1801b: 198, grifo nosso).

O adjetivo “brasileira”, atribuía certa exotividade ao gênero, o que o levou a ser muito apreciado em Portugal durante a segunda metade do século XVIII e inícios do XIX.

Mas também muito se produziu entre os portugueses, surgindo a denominação “modinha portuguesa”. E entre as divergências sobre se a origem da modinha é portuguesa ou brasileira, surge a denominação “modinha luso-brasileira” que, para Veiga: “Apropriada para designar essa situação confusa das origens, a designação passa a ser condescendente e insatisfatória a partir do momento em que, generalizada e eternizada, não respeita os sentimentos nacionais exacerbados e intransigentes dos dois lados.” (VEIGA, 1998: 73).

Todavia, o termo “modinha” também aparece na quarta edição do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva: “**MODINHA**, s. f. dimin. de Moda, cantiga, letrinha poetica, que se canta, e é nova de ordinario.” (SILVA, 1831: 323, grafia no original, grifo do autor); e na terceira edição do *Diccionario musical* (1909) de Rafael Coelho Machado (primeiro dicionário musical editado no Brasil): “Modinhas, *s.f. pl.* (dim. de *moda*), poesias lyricas postas em musica; pequenas composições que andão em voga, e que qualquer curioso póde compôr. – V. *Romance*.” (MACHADO, 1909: 122, grafia no original, grifos do autor).

A modinha saiu de voga em Portugal ainda em inícios do século XIX, mas, ainda hoje, o termo “modinha”, além de designar a canção setecentista, também equivale a “moda”, como mostra definição do termo na *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*:

MODINHA. Conceito e género musical. Em muitas regiões rurais do país utiliza-se a expressão ‘modinha’ ou ‘moda’, para designar uma dança ou uma canção dançada profana, independentemente do género musical a que se refere. Por exemplo, as expressões ‘vamos dançar uma modinha’ ou ‘vamos cantar uma modinha’ têm um carácter provisório e genérico não especificando o tipo de dança ou de canção a desempenhar. Os ranchos e grupos folclóricos adoptaram esta designação para referenciar cada um dos exemplos musicais que fazem parte do seu repertório. Neste contexto, a modinha refere-se a um conjunto unitário que inclui, na sua versão mais complexa, uma componente vocal, uma componente instrumental e outra coreográfica. Porém, a designação ‘modinha’ pode também referir-se ao género musical setecentista, a modinha luso-brasileira, que acompanhou a formação da burguesia instruída nos espaços urbanos portugueses e brasileiros, e o movimento emancipatório da mulher enquanto protagonista nos espaços públicos de sociabilização. Trata-se de uma canção de temática amorosa com acompanhamento instrumental, normalmente alaúde ou instrumento de tecla, interpretada por mulheres, podendo, no entanto, obedecer a um formato de diálogo entre homem e mulher. O estilo interpretativo associado aos textos da canção confere à modinha luso-brasileira um carácter de sedução que é referido em múltiplos relatos de viajantes que passaram por Portugal em finais do séc. XVIII e início do séc. XIX. As características estilísticas da componente musical denunciam múltiplas influências, designadamente da música italiana para voz, ao nível da construção frásica e da ornamentação, da escrita idiomática para instrumento de tecla desenvolvida no Norte e Centro da Europa e dos ritmos afro-brasileiros do lundum (SARDO, 2010: 805-806, grifo do autor).

Com a vinda da família real, em 1808, como já dissemos, a modinha, já transformada em ária na corte europeia, vem ao Brasil e se populariza a ponto de só se esvaír ao longo do novecentos. Também no Brasil do século XX, a palavra “modinha” vai novamente se generalizar, passando a denominar diversos outros gêneros desse tempo. Como exemplo, podemos citar a revista *A Modinha Popular*, na qual, apesar do nome, encontramos referências a diversos gêneros como samba, choro, samba-batucada, samba-canção, bambo, *fox*, valsa, entre outros, mas não modinhas, e sim, somente, modas de viola.

Aliás, o termo “moda” vai passar, tanto em Portugal quanto no Brasil, a denominar as músicas de caráter rural e, no caso brasileiro, vai designar também a moda de viola, derivada da moda portuguesa a duo, como bem demonstra Mozart de Araújo, que também atende pelo nome de “modinha”:

a genérica, indicando, como em Portugal, qualquer tipo de canção, e a de moda caipira, ou de moda de viola, cantada a duas vezes em terça, ainda hoje em plena vitalidade em São Paulo, Minas e Goiás. [...] É indiscutível que a moda portuguêsês [sic] **a duo** produziu no Brasil a moda de viola, que se fixou nos nossos meios rurais. Como é irrecusável, também, que foi sobre [sic] a moda **a solo** que aplicamos o diminutivo Modinha (ARAÚJO, 1964: 28, grifos do autor).

Fontes

- ALMEIDA, Nicolau Tolentino de (1801a). *Obras Poéticas*. Tomo I. Lisboa: Na Regia Officina Typografica.
- ____ (1801b). *Obras Poéticas*. Tomo II. Lisboa: Na Regia Officina Typografica.
- ANDRADE, Mário de (1964). *Modinhas imperiais*. São Paulo, Martins.
- A Modinha Popular*. Rio de Janeiro (Coleção). BN – DIMAS 780.5 B 43, 46 (et. al.).
- ARAÚJO, Mozart de (1963). *A modinha e o lundu no século XVIII: Uma pesquisa histórica e bibliográfica*. São Paulo: Ricordi.
- BARBOSA, Agostinho (1611). *Dictionarium Lusitanico Latinum: juxta seriem alphabeticam optimis, probatisq̄ doctissimorum auctorum tetimonijs perutili quadram expositive locupletatum: cum... Latini sermonis índice, necnon libelo uno aliquarum regionum, civitatum, oppidorum, fluvirum, montium, & locorum, quibus veteres uti solebant. Bracharæ: typis, & expensis Fructuosi Laurentij de Basto*. [Dicionário Lusitânico Latino].
- BARBOSA, Domingos Caldas (1798). *Viola de Lerenó: Coleção das suas cantigas, oferecidas aos seus amigos*. vol. I. Lisboa: Officina Nunesiana.
- BLUTEAU, Rafael (1716). *Vocabulario Portuguez & Latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, dogmático, dialectico, dendrológico, ecclesiastico, etymologico, econômico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos e oferecido a ElRey de Portugal Dom Joam V. vol. 5. L-N. Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva*. [Vocabulário Português & Latino].
- BRAGA, Teófilo (1869). *Cantos populares do arquipélago açoriano*. Porto: Typ. da Livraria Nacional.
- ____ (1901). *Filinto Elysio e os dissidentes da Arcádia*. Porto: Livraria Chardron.
- CÂMARA, Joaquim Manoel da ([c.1817-1819] 2017). *Desde o dia em que eu nasci*. Transcrição: Sigismund Neukomm. Editoração: José Alberto Pais. Revisão: Bruno Bokelmann. Ms. 7699 BNF/ Musica Brasilis, RJ. Partitura (2 pp.). voz, piano. Disponível em:

<http://musicabrasilis.org.br/sites/default/files/jmc_desde_o_dia_em_que_eu_nas_ci_1.pdf> Acesso em: 06 jul. 2018.

- CARDOSO, J. (1630). *Dictionarium latino lusitanicum, et vice versa lusitanico latinum: cum adagiorum feré omnium iuxta seriem alphabeticam peritili expositione: & Ecclesiasticarum vocabulorum interpretatione: item de monetis, ponderibus, & mensuris, ad praesentem usum accomodatis*. Ulyssipone: ex officina Petri Craesbeck. [Dicionário latino lusitânico e vice-versa lusitânico latino].
- CERNICCHIARO, Vincenzo (1926). *Storia della musica nell' Brasile: Dai tempi coloniali sino ai nostri giorni (1549-1925)*. Milano: Stab. Tip. Edit. Fratelli Riccioni.
- DU CANGE, Charles Du Fresne (et al.) (1776). *Glossarium manuale ad scriptores mediae et infimae Latinitatis*. Tomo IV. Halae, Apud Io. Lust: Gebauerividuam et filium.
- GAFFIOT, Felix (1934). *Dictionnaire Illustré Latin Français*. Paris: Librairie Hachette.
- GALLOP, Rodney (1937). *Cantares do Povo Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- JORNAL DE MODINHAS*: Ano I (1996). Introdução de Maria João Durães Albuquerque. Edição fac-similada. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro.
- JORNAL DE MODINHAS*. Rio de Janeiro (Coleção). BN – DIMAS 780.5 B 42 (el al.).
- KINSEY, William Morgan (1828). *Portugal Illustrated: In a series of letters*. London: Treuttel, Würtz, and Richter, Soho Square.
- MACHADO, Rafael Coelho (1909). *Dicionário musical*. Nova Edição aumentada pelo autor e por Rafael Machado Filho. Rio de Janeiro: B.L. Garnier/ Paris: E. Mellier.
- MOURÃO, Luis Antônio de Sousa Botelho (1765-1774). [Diário de Viagem]. DORROTA q fez o Exmo Sr D, Luiz Antonio G. e Capp. Gen. da Cid. de São Paulo, hindo pa á do rio de Jan., en a Náo de Guerra N. Sra da Estrella de q hera Comand. D. Manoel Machado, Irmão do Sr de Entre homem e Cavado.” 1765-1774. Arquivo de Mateus. BN – MSS, 21,4,14-16/ Diário de viagem de D. Luís António de Sousa Botelho Mourão (Livros de), 1765/03/23 – 1768/12/31, Fundação Casa de Mateus, SICM / SSC 06.02 / SUBSI GSP / SSC 01.01 / SR / DIÁRIO DE VIAGEM – Lote 991.02.
- RATTAZZI, Maria (1882). *Portugal de Relance*. Tradução portuguesa do livro *Le Portugal á vol d’oiseau*. Lisboa: Livraria Editora de Henrique Zeferino.
- SILVA, Antonio de Moraes (1789). *Dicionário da Língua Portuguesa, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Tomo Segundo (L-Z). Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- _____. (1831). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Quarta Edição. Tomo II (F-Z). Lisboa: Na Impressão Regia.
- VASCONCELOS, José Leite de (1911). *Lições de Filologia Portuguesa dadas na Biblioteca Nacional de Lisboa*. Lisboa: A.M. Teixeira & C.
- VIEIRA, Ernesto (1899). *Dicionário musical ornado com gravuras e exemplos de musicas*. 2 ed. Lisboa: Lambertini.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Domingos Caldas & MORAIS, Manuel ([1799] 2003). *Musica Escolhida da Viola de Lerenó* (1799). Estudo introdutório e revisão de Manuel Morais. Lisboa: Estar.

- CASCUDO, Luís da Câmara (1958). *Caldas Barbosa: Poesia*. Coleção Nossos Clássicos. vol. 16. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora.
- DELGADO, Manuel Joaquim (1955). *Subsídios para o Cancioneiro Popular do Baixo Alentejo*. vol. II. Lisboa: Edição de Álvaro Pinto.
- DENIS, Ferdinand (1826). *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe & Durey.
- DICIONÁRIO LATIM-PORTUGUÊS (2001). 2ª ed. *Revista e atualizada pelo Departamento de Dicionários da Porto Editora*. Porto: Porto Editora.
- Dictionnaire Latin*, (s/d). In: *Lexicologos: Mots e merveilles d'ici et d'ailleurs*. Disponível em: <http://www.lexilogos.com/latin_dictionnaire.htm> Acesso em: 10 out. 2014.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (1999). *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- MONTEIRO, José Fernando S. (2015). *Modinha brasileira: trajetória e veleidades (séculos XVIII-XX)*. Dissertação (Mestrado em História do Império Português [e-learning]). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2004), versão eletrônica 5.0. Corresponde à 3ª edição, 1ª impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI.
- NUNES, Maria Arminda Zaluar (1978). *O cancioneiro popular em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.
- SARDO, Susana (2010). Moda. In: CASTELO-BRANCO, Salwa (Org.). *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*. vol. 3. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 805. 2010.
- _____. Modinha (2010). In: CASTELO-BRANCO, Salwa. *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*. vol. 3. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 805-806.
- TINHORÃO, José Ramos (1972). *Música popular de índios, negros e mestiços*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1974). *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. Petrópolis: Editora Vozes.
- _____. (1988). *Os negros em Portugal*. Lisboa: Editora Caminho.
- _____. (2004). *Domingos Caldas Barbosa: o poeta da viola, da modinha e do lundu*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- VEIGA, Manuel (1998). *O estudo da modinha brasileira*. Latin American Music Review, vol. 19, nº 1.

Artigo recebido em 28 de agosto de 2016.

Aprovado em 14 de janeiro de 2018.

DOI:10.12957/intellectus.2018.25291